

A esperança, segundo G. H.

José Néumanne Pinto

A doce e dedicada figura do Paulinho Pontes encontrou, ao escrever sobre outra doce figura, a do gordo Antônio Maria, o cronista do Bloco das Flores, a profissão comum de todo brasileiro: a esperança. Estivesse vivo o irmão de Ipojuca, o cineasta, ele veria a consagração de sua tese na grande cruzada pelas diretas para a Presidência da República, nos estertores do regime militar, e certamente choraria de emoção quando percebesse que a esperança tinha nome, sobrenome e se encorpava num careca, baixinho, que vinha direto de São João Del Rey. Durante dez meses, a esperança no Brasil usou bigode e sotaque do Maranhão e, quando todo mundo resolveu se dedicar ao amargo esporte da desilusão, lá vem ela de novo, teimosa, juntando mais uma vez o substantivo e o advérbio do tempo em que o amarelo era moda. Affonso Camargo, Delfim Netto, Lula da Silva, César Maia e outros conspiradores, de tão diferentes ideais e objetivos, arrastam a bandeira amarela de novo pelos corredores do Congresso-Constituinte.

O fantasma magro de Paulinho Pontes e a gorda bonomia da lembrança de Antônio Maria, o feio mais belo do Brasil, passeiam de mãos dadas nos gabinetes desses conspiradores. Mas esses conspiradores precisavam mesmo era cruzar com G. H., personagem sem nome, limitado às iniciais, que não morreu, pois vive nas prateleiras das livrarias do Brasil. A paixão, segundo G.H., pode advertir muito sobre as benesses e os riscos da esperança, matéria em que nós, brasileiros, somos profissionais. Nada mais brasileiro do que uma frase como esta: "E eu não quero o reino dos céus, não o quero, só agüento a sua promessa". É uma frase de G.H. diante da Nova República, depois da longa agonia nacional, à beira do leito da esperança moribunda, durante a lenta catarse do superpinga-fogo da Constituinte. G.H. teria razão em dizer: "E eis que eu estava sabendo que a promessa divina de vida já está se cumprindo, e que sempre se cumpriu. Anteriormente, só de vez em quando, eu era lembrada, numa visão instantânea e logo afastada, de que a promessa não é somente para o futuro, é ontem e é permanentemente hoje. Mas isso me era chocante. Eu preferia continuar pedindo, sem ter a coragem de já ter." Que diagnóstico exato.

João, Mateus, Lucas e Marcos escreveram Evangelhos. G.H., duas letras gravadas no couro de uma valise, um fantasma de muitas outras letras que Clarice Lispector juntou, escreveu sobre a paixão de viver, que é a paixão de esperar, e, de uma certa forma, a paixão de temer o que já se conquistou. É como se G.H. falasse de nós agora, quando voltamos a tentar elaborar a panacéia, em vez de tomarmos a consciência de que o remédio para nossos males tem de ser elaborado na vida cotidiana, especialmente quando há um laboratório como esta Constituinte. Como para G.H., para nós esperança é adiantamento.

A consciência de G.H.: "Mas vejo agora o que na verdade me acontecia: eu tinha tão pouca fé que havia inventado apenas o futuro, eu acreditava tão pouco no que existe que adia a atualidade para uma promessa e para um futuro. Mas descobri que não é sequer necessário ter esperança... Pois prescindir da esperança significa que eu tenho que passar a viver, e não apenas a me prometer a vida".

Há muito tumulto em Brasília nestes dias. Pouco silêncio. Brasília precisa de mais silêncio e menos pressa, para que a Constituinte possa discutir, debater exaustivamente o que, na

aparência, é pouco substantivo. O Brasil precisa se prometer a vida, praticando a democracia, que é isto, é isto mesmo, este ruído permanente, meio anárquico, sem a fria ordem autoritária, sem a mania apressada da prioridade.

"Na exigência da vida tudo é lícito, mesmo o artificial e às vezes o grande sacrifício que se faz para se ter o essencial". O silêncio de Brasília servirá para isso, para se ver que o artificial é lícito, o lícito sacrifício para se ter o essencial, que o aparentemente supérfluo pode ser também o sacrifício lícito para se chegar ao indispensável. "Se abandono a esperança, estou celebrando minha carência, e esta é a maior gravidade do viver. E, porque assumi a minha falta, então a vida está à mão. Muitos foram os que abandonaram tudo o que tinham e foram em busca da fome maior".

Se se imaginar que G.H. teria paciência para entrar em todos os gabinetes dos constituintes é possível deixar em cada ante-sala desses gabinetes, uma placa com esta frase gravada: "E agora estou arriscando toda uma esperança acomodada, em prol de uma realidade tão maior que cubro os olhos com o braço por não poder encarar de frente uma esperança que se cumpre tão já — e mesmo antes de eu morrer." Se for preciso explicar mais, este fantasma de letras, sem nome, estas iniciais que Clarice Lispector inventou, pode completar: "Basta viver, e por si mesmo, isto resulta na grande bondade. Quem vive totalmente está vivendo para os outros, quem vive a própria largueza está fazendo uma dádiva, mesmo que sua vida se passe na incomunicabilidade de uma cela. Viver é dádiva tão grande que milhares de pessoas se beneficiam com cada vida vivida." Este cântico ao individualismo seria uma bela lição, neste momento, em que a catarse nacional torna tão sonoro o discurso individual.

Aos apressados, os que querem, mais uma vez, adiar a vida pela esperança, os que querem reduzir a catarse do momento à discussão das prioridades, G.H. diria: "É inútil procurar encurtar caminho e querer começar, já sabendo que a voz diz pouco, já começando por ser despesoal. Pois existe a trajetória, e a trajetória não é apenas um modo de ir. A trajetória somos nós mesmos. Em matéria de viver, nunca se pode chegar antes. A via-cruis não é um descaminho, é a passagem única, não se chega senão através dela e com ela. A insistência é o nosso esforço, a desistência é o prêmio". G.H., em suma, certamente gostaria de votar para Presidente, hoje, amanhã o mais tardar, mas saberia que isso não pode ser apresentado como a solução única, a solução última. As diretas não vieram. Tancredo Neves morreu, o Cruzado foi vão, a Constituinte não mata a fome de ninguém. E, por isso, ficamos todos perplexos e nos cobrimos de cinza e choramos fel, porque insistimos na esperança profissional, com medo de viver nossas conquistas, descascar lentamente seus frutos, na trajetória comum da história.

A esperança pode ser uma profícua profissão, mas quando ela se torna uma obsessão, uma fuga dos problemas do presente, uma busca desesperada de um futuro de um verão eterno e sem outono, aí ela pode ser também uma doença, um câncer lento e implacável. Este que agora mesmo nos corrói. Devemos encontrar uma pausa para meditar e encontrar a respiração do mundo — "aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio", segundo G.H. — e daí partiremos para a ação, a ação sobre a vida, sobre o presente, a esperança ampla sobre o passado, o presente e o futuro, aquela que nos cura, não aquela que nos devora.

José Néumanne Pinto é editor de Política de "O Estado de S. Paulo"